



**“ELAS MOVEM AS REDES E AS REDES AS MOVEM!”:
FUNÇÕES E CONTEÚDOS CIRCULANTES NAS REDES SOCIAIS
REFERENCIADAS POR DOMÉSTICAS MIGRANTES**

**“They move the networks and the networks move them!”:
functions and circulating contents of social networks referenced
by migrant domestic workers**

**“¡Mueven las redes y las redes las mueven!”:
funciones y contenidos que circulan en las redes sociales según la
referencia de las trabajadoras domésticas migrantes**

Guélmer Júnior Almeida de Faria¹

Andrea Maria Narciso Rocha de Paula²

Resumo:

Recentemente, houve um interesse renovado em analisar a migração e o trabalho doméstico remunerado como uma das facetas dos novos fluxos migratórios contemporâneos. Nesse sentido, diversos estudos relacionados a feminização da migração demonstraram que as mulheres se movem e utilizam o trabalho de cuidados para a reprodução social e familiar. No entanto, não foram encontradas pesquisas que abordassem a migração interna e os conteúdos circulantes das suas redes sociais. Assim, o objetivo principal deste estudo foi analisar as funções das redes pessoais significativas das domésticas migrantes. Por meio de entrevistas em profundidade com participantes de uma rede migratória, consideramos que as empregadas domésticas migram dentro do próprio país apoiadas em redes sociais compostas por parentes, amigos, amigas de trabalho e empregadores com funções de adaptação, integração, apoio mútuo

e isolamento.

Palavras-chave: Trabalho doméstico. Migração interna. Redes sociais.

Abstract:

Recently, there has been renewed interest in analyzing migration and paid domestic work as one facet of contemporary new migratory flows. In this sense, several studies related to the feminization of migration have demonstrated that women move and use care work for social and family reproduction. However, no research was found that addressed internal migration and the circulating content of their social networks. Thus, the main objective of this study was to analyze the functions of the significant personal networks of migrant domestic workers. Through in-depth interviews with participants in a migratory network, we considered that domestic workers migrate within their own country supported by social networks composed of relatives, friends, work colleagues, and employers with functions of adaptation, integration, mutual support, and isolation.

Keywords: Domestic work. Internal migration. Social networks.

Resumen:

Recientemente, ha surgido un renovado interés en analizar la migración y el trabajo doméstico remunerado como una faceta de los nuevos flujos migratorios contemporáneos. En este sentido, diversos estudios relacionados con la feminización de la migración han demostrado que las mujeres se desplazan y utilizan el trabajo de cuidado para la reproducción social y familiar. Sin embargo, no se han encontrado investigaciones que aborden la migración interna y el contenido circulante de sus redes sociales. Por lo tanto, el objetivo principal de este estudio fue analizar las funciones de las redes personales significativas de las trabajadoras domésticas migrantes. Mediante entrevistas en profundidad con participantes de una red migratoria, consideramos que las trabajadoras domésticas migran dentro de su propio país apoyadas por redes sociales compuestas por familiares, amigos, compañeros de trabajo y empleadores con funciones de adaptación, integración, apoyo mutuo y aislamiento.

Palabras clave: Trabajo doméstico. Migración interna. Redes sociales.

Introdução

Os estudos migratórios até os anos de 1970 tenderam a analisar as mulheres como uma categoria homogênea em relação ao homem. Até mesmo os marcadores sociais da diferença como a classe, a raça, a etnia e o gênero não foram objetos de análise da experiência migratória feminina. O arrematar trabalhadoras domésticas para o setor de serviços domésticos e de cuidados tem se tornado uma estratégia migratória. Entretanto, não se faz sem algumas

contradições e constrangimentos. Em diferentes contextos, interno ou internacional, o trabalho doméstico constitui como potencial mercado de fonte empregadora da maioria das mulheres que migram.

Sendo necessário investigar esse deslocamento para o trabalho doméstico e de cuidados, no qual muitas mulheres ao redor do mundo estão envolvidas. Este processo exige grandes mudanças em diferentes áreas da vida das mulheres e demanda o uso de diversos recursos para ajudá-las a se adaptar ao novo destino. Nesse sentido, sabe-se que além da dimensão pessoal, a dimensão relacional, que consiste nos vínculos afetivos que envolvem o indivíduo, potencializam correntes que podem promover bem-estar e qualidade de vida nesse processo.

Na nova economia global o crescente deslocamento de mulheres de países pobres para países ricos, ou de regiões mais favorecidas, tornou-se uma questão central, onde elas trabalham como babás, empregadas domésticas, diaristas, cuidadoras e trabalhadoras do sexo. Recentemente, houve um interesse renovado na migração interna, sobretudo, a migração campo-cidade no Brasil que constitui uma das formas de provisão do trabalho doméstico remunerado nas cidades (FARIA *et al.*, 2020; FARIA, 2020). São mulheres/meninas que, de acordo com Batista (2010), vem de famílias pobres, que não possuem fonte de rendimento estável e vêm de grupos não-proprietários da terra para trabalharem nas casas das famílias de classe média e alta nos centros urbanos. No Brasil, as trabalhadoras domésticas³ representam, cerca de 5,8 milhões de pessoas, sendo 92% mulheres e 61,5% mulheres negras. O trabalho doméstico é caracterizado pela supressão das necessidades materiais e emocionais das pessoas para que sejam atendidas, garantindo, cotidianamente, o seu bem-estar e a sustentação da vida (MDS/SNCF, 2023).

Angelin (2012) sob uma perspectiva de gênero, recomenda análises sobre as redes sociais como indispensáveis para compreender os processos migratórios, não apenas como uma relação custo-benefício ou atração-expulsão, mas como o resultado de compartilhamento de informações, influências e estímulos que, em muitos casos, determinam a inserção do/a potencial migrante no deslocamento.

No entanto, um problema desafiador que surge neste domínio é a participação das mulheres nos processos migratórios articulada em uma complexa rede de apoio social (ASSIS, 2007). E, embora as redes funcionem como mecanismos de integração e adaptação, Hellerman (2004) demonstra seu caráter ambíguo, ao apresentar duas razões para esta atitude: as redes sociais mais formais que existem em nível elevado de controle, e as redes de suspeição, que é, o desrespeito e discriminação por parte dos seus conterrâneos. Ambas as situações denotam o que Decimo (1998) chamou de redes encapsuladas. A rede de relacionamentos é caracterizada por laços fortes e múltiplos que restringem cada indivíduo a um intercâmbio constante de dinheiro,

serviços, informações e apoio moral. Os protagonistas desse sistema de relações não veem a migração como uma ruptura com seu mundo de origem. Estudos de Rivera-López e Añaños (2021) sobre as redes pessoais de mulheres privadas de liberdade, identificou fatores de risco e proteção em três etapas definidas pela entrada na prisão e voltadas à reintegração.

No Brasil, analisando a migração e redes sociais a partir de uma perspectiva de gênero constata-se as investigações de Assis (2007). Em relação a migração interna da década de 1970-80, são relevantes as contribuições dos estudos de Durham (1984) descrevendo o longo percurso do Nordeste para São Paulo e a rede de relações que as envolviam, sua formação e a consolidação das redes no trajeto campo-cidade. Queiroz (2015), em sua pesquisa sobre a migração de mulheres guianeses para Boa Vista, em Roraima, evidenciou que estas mal se comunicavam em português, residiam nos locais de trabalho e não tinham assegurados direitos como férias, repouso semanal remunerado e salário mínimo. É através de contatos prévios, que vai desde conseguir o emprego, a moradia, informações e melhores condições de chegada, é que o ato de migrar é estabelecido pelas redes sociais.

No âmbito internacional, Hagan (1998) chamou a atenção para a incorporação das redes sociais de imigrantes por gênero em uma comunidade guatemalteca em Houston, que ao longo do tempo tanto poderia fortalecer como enfraquecer os laços, afetando de forma diferenciada homens e mulheres no processo de integração. Já Domínguez (2004) investigou as redes sociais de mulheres imigrantes latino-americanas de baixa renda que vivem em bairros com uma concentração de moradias públicas na cidade de Boston, usando uma estrutura conceitual que diferencia as redes sociais que fornecem apoio daquelas que facilitam o avanço pessoal.

Ao explorar a perspectiva de redes nas dimensões do cuidado Gonzalez e Pardo (2017), consideram que a organização das mulheres migrantes permite a subsistência e criação de tecido social, assim como a construção de vínculos com funções de apoio, solidariedade, intercâmbio material e simbólico e, desta forma, as estratégias para os *cuidados* nos processos migratórios se configuram com base nas redes alternativas criadas pelas migrantes. Recentemente o estudo de Lopes (2022) indica a atuação direta das mulheres na criação, na articulação e no fortalecimento das redes sociais, inclusive de redes migratórias; apontando que, em alguns casos, houve a (re) negociação das relações de gênero por meio da atuação nuclear das mulheres na administração de recursos e informações, além do sustento familiar.

Derivado desses estudos, um campo emergente e fundamental é o das relações e da influência das redes sociais pessoais das mulheres para favorecer ou dificultar os processos de integração. Portanto, a questão que dimensiona este estudo é: *como os conteúdos, recursos e funções das*

redes sociais afetam as mulheres migrantes em um contexto de migração interna para o trabalho doméstico e de cuidados?

Assim, o objetivo principal deste estudo foi analisar as funções das redes pessoais significativas das domésticas migrantes proposto por Carlos Sluzki (1997). Considerando que é necessário compreender as formas, os atores e as atividades envolvidas no processo migratório tanto pelos aspectos objetivos e subjetivos das redes em torno do trabalho doméstico e de cuidado. Para isso, analisamos os conteúdos das entrevistas em profundidade com participantes de uma rede migratória de mulheres migrantes internas, no norte de Minas Gerais, em torno do trabalho doméstico e do cuidado e a configuração de suas redes pessoais significativas de apoio, dando visibilidade para suas experiências e fortalecimento de suas redes.

A relevância desta pesquisa é confirmada por observações feitas por meio de uma revisão sistemática da literatura sobre a escassez de publicações brasileiras que tratem especificamente da interface entre migrações internas de empregadas domésticas e redes sociais. Além disso, os estudos desenvolvidos sobre as redes sociais indicam que as mulheres são qualificadas por suas relações sociais e que, ao mesmo tempo em que recebem influência, também influenciam o meio social em que estão inseridas. A partir disso é válido compreender como esses elementos estão articulados a partir do contexto migratório e com base nas experiências vivenciadas por mulheres migrantes do norte mineiro. Os resultados deste estudo podem contribuir para a compreensão do fenômeno, pois incluem protagonistas que estão diretamente envolvidas na experiência da migração e do trabalho doméstico e de cuidado, diferenciando-se da produção científica convencional que abrange apenas homens e famílias (STAEVIE, 2012; SILVA, 2012; VETTORASSI, 2010; QUEIROZ, 2008; ASSIS, 2007; MENESES, 2007; FAZITO, 2002).

Logo, este artigo traz, na *primeira seção* um debate sobre as cadeias globais de cuidado e de como as migrações femininas são ancoradas pela perspectiva de redes sociais. Na *seção caminhos metodológicos*, aborda-se os intercâmbios consolidados entre os membros da rede que configuram as funções desempenhadas pelos vínculos; a escolha deste estudo de caráter qualitativo, exploratório e transversal e dos procedimentos como a pesquisa bibliográfica e de campo com foco qualitativo. Na *quarta seção*, foi desenvolvida uma análise da migração apoiada em redes sociais e o trabalho doméstico e de cuidado e de como acontece a construção dos laços para o processo de integração da doméstica migrante com a *apresentação dos resultados*. Finalmente, é feita uma discussão para sintetizar as principais *conclusões* derivadas deste estudo.

Nota Teórica

Cadeias globais de cuidados, feminização da migração e redes sociais

A geopolítica da divisão internacional do trabalho tem demarcado o lugar social ocupado pelas mulheres no mercado de trabalho. Enquanto as mulheres do Norte Global têm se dedicado pouco e raras vezes as tarefas do cuidado em detrimento da sua inserção no mercado ampliado de empregos femininos, tais como juízas e médicas. Às mulheres do Sul Global são cooptadas para desempenharem o trabalho que as do Norte Global já delegaram ou “abriram mão”. Nessa globalização da assistência de cuidados e desenvolvimento das atividades cotidianas domésticas o trabalho é socialmente desvalorizado, instável, informal e vem atrelado ao movimento da migração de mulheres do Sul Global para o Norte Global. Internamente, verifica-se também esse recrutamento entre as nordestinas para atuarem nos grandes centros, tais como: São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro.

Arlie Hochschild (2001) identificou a necessidade de um novo arranjo social, que são as cadeias globais de cuidado. Essas cadeias, na maioria das vezes, ligam três conjuntos de cuidadoras: *uma* mulher cuida dos filhos da migrante em casa, no país de origem; *outra* cuida dos filhos desta mulher que cuida dos filhos da migrante, que muitas vezes é a sua mãe ou a filha mais velha cuidando dos próprios irmãos; e a *terceira* na cadeia é a própria mãe migrante que deixa o seu país para cuidar dos filhos de profissionais liberais no Primeiro Mundo. Assim, estabelece-se uma cadeia de uma ponta a outra, entre classe, raça e nações: “as mulheres mais pobres criam os filhos das mais ricas, enquanto mulheres ainda mais pobres – ou mais velhas ou mais rurais, lhes criam os filhos” (HOCHSCHILD, 2001, p. 21).

Diante do contexto de extrema desigualdade social acentuada no Brasil, sobretudo, no período pandêmico, Guimarães e Vieira (2020), destacam o estabelecimento de um circuito de ajuda face à mobilidade, e questionam em que medida esta depende do contínuo relacionamento a longo prazo como requisito para a construção de uma reputação. E, mais, “o quanto as ajudas variam em função da condição de gênero” (GUIMARÃES; VIEIRA, p. 185)

Oso e Parella (2002) analisam a migração feminina como um fenômeno de “extração” de cuidados por sociedades mais ricas que “compram” a baixo custo os cuidados e o afeto de trabalhadoras migrantes de áreas mais pobres para cuidar de crianças, doentes e idosos em uma relação cômoda. São trabalhadoras que, nos marcos da colonialidade, são, na maioria, mulheres racializadas, arrematadas para executar “[...] o trabalho que Hsiao-Hung Pai (2004) define

como 3-D (“*dirty, dangerous and degrading*”) – sujo, perigoso e degradante” (BERNARDINO-COSTA, 2012, p. 448).

Nesse sentido, Gonzalez e Pardo (2017) ao analisarem as complexas dinâmicas das desigualdades sociais no território latino-americano que derivam uma configuração de estratégias contra hegemônicas que se expressam não só no efeito de migrar, senão também na criação de redes migratórias em torno do cuidado. As estratégias de reprodução social e familiar geram processos de ação coletiva em rede, e as redes evidenciam novas configurações entre atores, contextos e vínculos nos quais se apoiam as relações do cuidado no contexto migratório.

As condições de trabalho no cuidado e as trajetórias de migração de cuidadoras, foram discutidas por Andrade *et al.* (2022) que impõem dificuldades e podem ser superadas à medida que essas trabalhadoras encontram, nos países de destino, condições de trabalho adequadas, redes de solidariedade, apoio social e um sistema de saúde que garanta os seus direitos sociais.

Por um lado, o contexto atual é o de regressão dos direitos trabalhistas, mesmo com a regulamentação do trabalho doméstico e de cuidado, como a Política Nacional de Cuidados no Brasil. A agenda reformista, o contexto da pandemia e a diminuição de acesso dessas mulheres a programas sociais têm comprometido a situação dessas domésticas, que se veem obrigadas a aumentar sua carga horária. Além disso, com o reconhecimento da categoria como algo ainda incipiente, enfrentam o individualismo e a estratificação social, confinadas em nichos laborais pouco valorizados e naturalizados como femininos, o que revela não só o caráter sexista, mas também classista e racial da situação das domésticas migrantes.

Por outro lado, as redes sociais se fortificam, pois, é necessário mais apoio e maior compreensão do fenômeno pelas mulheres. Portanto, o momento piora e afrouxa as relações de trabalho ao mesmo tempo em que as redes fortalecem as relações de solidariedade e ajuda mútua. Ao passo, que as redes sociais podem também gerar coação de grupo e conflitos já que são estruturadas por relações de poder.

Caminhos Metodológicos

Aporte teórico-metodológico: funções das redes sociais

Este trabalho aborda as redes egocêntricas, também chamadas de pessoais, cujo centro é uma pessoa (ego ou nó central) e as relações (laços) que estabelecem com outras pessoas (*alter* nós conectados). Assim é possível conhecer com quem se relacionam, as trocas relacionais, a

reciprocidade, efeitos positivos e negativos, tipos de apoio e identificar o capital social que circula na rede (RIVERA-LÓPEZ; AÑAÑOS, 2021).

As funções das redes de relações sociais das domésticas migrantes estão estreitamente relacionadas à qualidade das relações interpessoais estabelecidas, com a família extensa ou com seu entorno social, dos quais surgem atributos importantes que poderão configurar a construção de uma rede de suporte pessoal significativa. Por sua vez, a qualidade das relações está necessariamente ancorada na história dos vínculos estabelecidos, na intensidade, frequência e mutualidade dos mesmos, “ao revelar o sistema de condições sociais que tornou possível uma determinada maneira de ser ou de fazer, assim necessitada” (BOURDIEU, 1990, p. 28).

Portanto, as redes sociais estão estabelecidas também enquanto interações entre seus membros. Estas interações se caracterizam, além dos vínculos, da comunicação e das relações, pela organização ao redor do fazer, de estruturar o tempo e o modo como este é utilizando (MENESES, 2007). A autora citada continua dizendo que as relações sociais permitem que as pessoas que nelas participam deem sentido às suas vidas, promovam o desenvolvimento da sua identidade e tenham os recursos necessários para enfrentar os diversos desafios e prestar apoio social, dando-lhe a sensação de que alguém está presente. Dessa forma, promovem o sentido de ações e práticas de cuidado social e orientação das informações migratórias.

No entanto, essas informações, como preconiza Silva (2012), carecem de legitimidade e confiabilidade, tanto no plano material, quanto no simbólico, para lograr êxito nas experiências e expectativas no processo migratório e, assim, contrabalancear os custos econômicos e psicológicos das experiências migratórias.

As redes sociais funcionam adequando as dinâmicas das relações humanas que, segundo Nobert Elias (1994), não podem ser reduzidas nem à liberdade individual, nem apenas ao constrangimento coletivo. A rede em movimento é um tecer e destecer ininterrupto das ligações. “Assim, efetivamente, cresce o indivíduo, partindo de uma rede de pessoas que existiam antes dele para uma rede que ele ajuda a formar” (ELIAS, 1994, p. 34). Ainda no dizer de Elias (1994, p. 21), “[...] a ordem invisível dessa forma de vida comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamentos possíveis”.

Portanto, neste estudo, atenhamo-nos às redes compostas por laços e interações mais efetivas, para não dizer concretas, uma vez que as trocas e os recursos disponibilizados realmente são compartilhados e divididos entre os integrantes da rede social, gerando, por sua vez, capital social a partir da estrutura da rede. Essas trocas tendem a ser, em muitos casos, recíprocas e geradoras de boas expectativas.

O modelo proposto por Sluzki (1997) define uma série de funções das redes sociais, que podem ser solicitadas e proporcionadas pelos membros em interação, diacrônica ou sincronicamente, em reciprocidade e diversidade de situações e contextos. Isso dependerá das necessidades particulares e do momento vital no qual esteja transitando a rede social-pessoal. O quadro 1, a seguir, traz uma síntese das funções das redes sociais propostas por Sluzki (1997):

Quadro 1: Funções das redes sociais propostas por Sluzki (1997)

Funções	Características	Dinâmicas esperada
Companhia social	As redes sociais servem como promotoras de companhia, transmissoras da cultura e promotoras da adaptação.	“Estar juntos”.
Apoio emocional	Aos intercâmbios que conotam atitude emocional positiva.	Clima de compreensão, simpatia, estímulo e apoio.
Guia cognitivo e conselheiro	Compartilhamento de informações pessoais e sociais, esclarecimentos de expectativas e oferta de modelos de papéis.	Modelos de referências.
Regulação social	Funções que visam à regulação social do comportamento e reafirmam as responsabilidades.	Favorecer resolução de conflitos.
Ajuda material e de serviços	Colaboração eficaz com base em conhecimentos especializados ou ajuda física.	Auxílio financeiro ou especializado.
Acesso a novos contatos	Possibilidades de conexão com outras pessoas e outras redes sociais	Novas pessoas ou redes.

Fonte: Elaboração própria a partir de Sluzki (1997).

A apreensão dos elementos empíricos do perfil da rede de domésticas e as relações que são estabelecidas foram analisadas pelos conteúdos circulantes, obtidos nas entrevistas em profundidade. Assim, elucidamos, para além das relações de confiança e solidariedade entre elas, o que leva à cooperação, sendo eficaz para a formação de capital social.

Método

Este estudo está fundamentado na abordagem qualitativa pautado pela observação direta e concatenado à efetivação de entrevistas em profundidades com seis mulheres residentes dos municípios de Mirabela e São Francisco/ MG, localizados na Mesorregião Norte de Minas Gerais. A escolha desses locais de pesquisa se deu em razão de fazer parte do projeto: “*Do sertão para outros mundos*”: as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho *do/no* Norte de Minas Gerais, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG)⁴.

As entrevistas em profundidades, segundo Weiss (1994), permitem o acesso às observações de outras pessoas a respeito de um fato. Por meio da entrevista, pode-se aprender sobre lugares onde nunca se esteve e sobre experiências nunca vivenciadas. As entrevistas, por serem singularizadas, possibilitam ao pesquisador a obtenção de material “denso”, único e com “profundidade”, que expressam as manifestações de trabalhadoras domésticas e de cuidadas em sintonia com as condições de classe, raça, gênero, localidade nas suas redes sociais, que são estratégias de ajuda mútua, solidariedade, apoio social, favor, confiança e cooperação. Esses fatores não são indissociáveis para analisar as relações migratórias dessas mulheres, pois, as desigualdades produzidas em torno deles cotidianamente na vida delas constroem pontes ou abismos assentados na diferenciação.

Para as entrevistas em profundidade, seguimos um roteiro prévio de perguntas (tópico guia). Segundo Gaskell (2002), o tópico guia é parte vital do processo de pesquisa e necessita atenção detalhada. Por detrás de uma conversação aparentemente natural e quase casual, duas questões centrais devem ser consideradas, antes de qualquer forma de entrevista: o que perguntar (a especificação do tópico guia) e a quem perguntar (como selecionar as entrevistadas). As respostas foram concedidas oralmente pelas entrevistadas, ligadas às suas trajetórias de migração, prezando pela riqueza e profundidade das informações, simulando um contexto de diálogo no qual foram gravadas em um aparelho de registro de áudio em concordância com as entrevistadas. Além disso, as entrevistadas foram informadas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por elas lido e assinado.

De uma maneira geral as médias de idades, no início da pesquisa em 2017 tinham entre 40 e 58 anos. Além disso, essas mulheres tinham baixa escolaridade, sendo na maioria dos casos possuindo apenas o ensino fundamental o que equivale apenas cinco anos de estudos ou menos. Quanto à ocupação, todas se declararam domésticas/cuidadoras. A “diarização”, segundo Fraga

(2010) é um movimento recente que utilizam como fatores o empobrecimento da classe média; a diminuição do tamanho das famílias; o crescimento do número de domicílios unipessoais, ou seja, de pessoas morando sozinhas; para eliminar os custos que acompanham o vínculo empregatício.

Esse processo é também visto, na perspectiva das domésticas sobre como adquirir mais controle das atividades realizadas, aumento de renda mensal, flexibilização dos dias trabalhados, disponibilidade do cuidado com suas famílias e das horas semanais trabalhadas. Entretanto, tais estratégias devem ser compreendidas dentro de um contexto social em que pesam sobre as domésticas diferentes motivações. Uma vez que de acordo com o Dieese (2023) somente três em cada quatro empregadas domésticas estavam protegidas socialmente diante dos novos cenários de direitos, representando 24,4% (1,1 milhão) da categoria que possuía carteira de trabalho assinada.

Neste sentido, as trajetórias migracionais destas mulheres estão inseridas em migrações inter-regionais (São Paulo, São José dos Campos, Campinas/ SP) e intraestaduais (Belo Horizonte, Patos de Minas, Contagem, Nova Serrana, Ribeirão das Neves, Montes Claros/ MG), sobressaindo entre a maioria à migração de retorno aos seus municípios de origem (Mirabela e São Francisco/ MG) ou municípios próximos dentro da mesma região (Montes Claros/ MG). A partir da inserção empírica, identificamos a rede de circuito migratório de dois municípios mineiros de Mirabela e São Francisco (Quadro 2).

Quadro 2: Caracterização das empregadas domésticas/diaristas participantes da pesquisa, 2018

Rede de domésticas de municípios circunvizinhos a Montes Claros/MG.					
Nome*	Idade	Escolaridade	Ocupação	Município de origem	Destinos
Marinalva	40 anos	Fundamental Incompleto	Doméstica/Diarista	Mirabela/MG	Brasília/DF, São José dos Campos/SP, Belo Horizonte
Carmélia	43 anos	Fundamental Incompleto	Doméstica/Diarista	São Francisco/MG	Belo Horizonte/MG, Contagem/MG, São Paulo/SP

Cleide	44 anos	Fundamental Incompleto	Doméstica/Diarista	São Francisco/MG	São Paulo/SP
Denise	58 anos	Fundamental Incompleto	Doméstica/Diarista	São Francisco/MG	Brasília/DF, São Paulo/SP, Campinas/SP
Cecília	50 anos	Ensino Médio	Doméstica/Diarista	Mirabela/MG	São Paulo/SP, Nova Serrana/MG, Montes Claros/MG
Amélia	45 anos	Fundamental Incompleto	Doméstica/Diarista	Mirabela/MG	Belo Horizonte/MG, São Paulo/SP

Fonte: Elaborada a partir de dados do campo. * Todos os nomes são fictícios.

No quadro 3, a seguir, definimos essa rede do ponto de vista de suas características migratórias, ocupação, redes de suporte social, redes da migração e sua espacialidade.

Quadro 3: Características da rede pesquisada, 2018

Rede	Características
Rede de domésticas de municípios circunvizinhos a Montes Claros/MG.	<ul style="list-style-type: none"> - Em fase migratória. - Migração de retorno (fracasso e esperança), rotatividade. - Trabalho doméstico (diaristas). - Redes de apoio social migratória (Capital social). - Espaço: Capitais (Belo Horizonte, São Paulo e Brasília).

Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa.

A justificativa da escolha dessa rede foi com o intuito de abordar as relações em uma rede mais alargada com relações mais frouxas e flexíveis, uma migração permanente e temporária em que o retorno se faz muito presente. A análise de dados deste estudo realizada a seguir é proveniente dos relatos orais das participantes da pesquisa, que vivenciam ou vivenciaram o

processo da migração interna. Os dados do estudo foram organizados e analisados de acordo com o método da *Grounded Theory* - teoria fundamentada (STRAUSS; CORBIN, 2008) usando o método de codificação axial e seletiva aberta.

A *Grounded Theory* visa enfatizar a interação entre pesquisadores e dados, as conexões que emergem da pesquisa. Nesse contexto, o conceito básico que precisa ser recuperado é o de codificação. Refere-se a um processo analítico dinâmico no qual os dados são compartilhados, conceituados e sintetizados para produzir uma compreensão coerente da realidade social em estudo (STRAUSS; CORBIN, 2008).

Resultados e Discussão

A construção dos laços para o acolhimento e inserção da mulher migrante no trabalho doméstico

De acordo com Portugal (2006), as relações nas redes sociais são laços, estes podem ser, fracos, fortes, mistos e neutros. Os laços fortes são de identificação (parentesco, pertença), os fracos são de diferenciação (duração de uma relação), os mistos apresentam ao mesmo tempo identificação e diferenciação e os neutros que não apresentam nenhuma dessas características. E os laços positivos são aqueles com interação frequente e os passivos de interação irregular.

As redes configuram-se analogamente ao que Lemieux e Ouimet (2012) definem como redes de “atores sociais”, estas são formadas por mais de um tipo de recurso, sendo “[...] Tanto uma rede de sustentação, onde são transmitidos bens materiais, mas também de informações e de recursos propriamente relacionais” (LEMIEUX; OUIMET, 2012, p. 8). Uma rede forma-se em três dimensões: a do pertencimento, que comporta os laços de identificação, de diferença e de indiferença entre os atores sociais; a da apropriação; e a das transações entre os atores e a dimensão das regras de conduta, que remete ao controle que os atores sociais exercem uns sobre os outros (NOGUEIRA, 2010).

Observa-se que as redes pessoais das mulheres entrevistadas são mais fechadas quando comparadas com as de homens, quer dizer, possuem uma densidade relacional maior – um indício da presença de laços mais fortes. Ou seja, aqui, parece ter também o efeito de vários processos sociais causadores de desigualdade ligados ao gênero (AZEVEDO, SOUZA; NOGUEIRA, 2022)

Assim, a rede dessas mulheres entrevistadas utiliza-se desse arcabouço teórico para dizer que: “São redes de laços fortes e positivos”. Pois, há um sentimento de pertença (parentesco) e

com interação frequente. Quanto maior os conteúdos das relações (trabalho, moradia, ajuda nos cuidados, suporte na chegada ao destino, indicação para o trabalho) maiores serão os vínculos de reciprocidade, vínculos afetivos, reconhecimento mútuo e solidariedade.

Na visão de Fazito (2002, p. 6) “as redes sociais são aquelas que relacionam indivíduos em suas redes pessoais cotidianas, que se consolidam empiricamente nas redes de parentesco e amizade dentro da comunidade”. Como destaca a fala abaixo:

Foi com minha filha que foi. Mas, é por isso que eu vou falar com você que tem pessoa lá que sabe o que fala: ah se fulana vim eu consigo um serviço para ela, então através disso, minha filha mesmo foi, foi assim através de outra que trabalhava lá e levou ela, encaixou ela. Então é por isso que eu falo que uma vai passando para as outras. (Relato oral de Marinalva, 40 anos, empregada doméstica há 12 anos).

Estas redes de mulheres empregadas domésticas migrantes tem caráter biunívoco, pois, ao mesmo tempo em que a rede funciona como uma inserção no trabalho e na própria comunidade de destino tem caráter fechado, encapsulado que obscurece a novas relações sociais com sujeitos exteriores a essa rede, dificultando transpor a categoria doméstica. São, em geral, familiares e amigos de infância das empregadas. Isso mostra que essas são redes formadas por laços muito fortes. Esse fato tem um lado positivo, porque esses são laços que servem como fonte de suporte social, mas, por outro lado, esse tipo de laço é também menos eficiente se pensarmos no que a literatura tem dito acerca da importância dos laços fracos para a inserção dos indivíduos no mercado de trabalho (GRANOVETTER, 1973). Ou seja, os seus contatos não parecem suficientes para fazê-la ingressar em outro nicho do mercado de trabalho. Por um lado, porque poucas são as pessoas do seu círculo de relações que têm ligação com outras áreas, muito parecidas com ela do ponto de vista socioeconômico.

Percebe-se que, “o que faz mover as redes” são seus recursos e os conteúdos circulantes. Os laços são os *nós* que se estabelecem no interior da rede, portanto, dotados de significado e função. Adiante, procuramos demonstrar as funções dos laços das redes sociais da rede estudada. Afinal, procura-se responder como os conteúdos, recursos e funções das redes sociais afetam as mulheres migrantes em um contexto de deslocamento interno? E como eles contribuem para o processo de integração da doméstica migrante?

Os dados descritos emergiram das narrativas das participantes, das quais busca-se evidenciar a unicidade das experiências relatadas por elas, com vistas a responder os objetivos deste estudo. Nessa perspectiva, os relatos mostraram que os membros da rede foram se

mobilizando para examinar diferentes situações vivenciadas pelas empregadas domésticas, com o escopo de prestar apoio relacionado com as funções apresentadas.

Esses espaços, conforme assinalam Gallo e Marandola Junior (2008), podem atuar na adaptação e inserção da migrante, funcionando como mecanismos de proteção existencial, ao passo em que também podem promover a restrição social da migrante às redes sociais e de locais estabelecidos com outros migrantes. Dessa forma, a interação da migrante com os locais de destino, bem como com as pessoas fica impossibilitado.

Analisando a função de companhia social que comporta os laços de identificação e pertencimento, ou assistência física, o “estar juntos”, que é o compartilhamento de tarefas, o predomínio de intercâmbios relacionais que, para além de viabilizar a realização de atividades conjuntamente com os membros da rede, produzem atitudes positivas e empáticas em torno das migrantes domésticas (ANTUNES, 2021), algumas falas são bem esclarecedoras:

Minhas irmãs moram lá (São Paulo). Todas elas trabalham, como empregada doméstica. (Relato oral, Cleide, 44 anos, doméstica).

Belo Horizonte. Hum, por indicação mesmo. Na verdade, foi uma mulher daqui mesmo, só que ela tem parente lá. Aí, no caso, foi a sobrinha dela. É, doméstica em casa de família. Na primeira casa que eu trabalhei, o meu quarto era muito bom, porque era em um condomínio. Aí tinha espaço, porque era casa grande mesmo e tinha um banheiro dentro do quarto. Já a segunda, era um quarto muito pequeno e tinha um banheiro do lado para mim, mas assim eu tinha privacidade; ninguém me incomodava, tinha televisão dentro do quarto (Relato oral, Amélia, 45 anos, doméstica).

Pelas falas, observa-se que, para além da função de companhia social, o trabalho doméstico é a indicação de realização de atividades em comum, configurando-se como uma transmissão geracional. A adaptação no destino, pelo relato de Amélia, se expressa na relação com o quarto destinado à moradia das domésticas. Esse espaço é simbólico na relação desigual entre patroas e domésticas, uma vez que os quartos de visitas são amplos e arejados enquanto o da doméstica é pequeno e escuro. Trata-se de um importante lugar social para pensar as desigualdades por meio dessa arquitetura brasileira. Nessa situação, este tipo de quarto está espacialmente isolado do resto da casa, tornando-o menos adequado como local de moradia em situações de perigo, e permitindo até abrigar funcionárias que ainda são meninas. O seu desamparo neste quarto, sua solidão e isolamento (SOUZA, 1991).

Nessa rede de domésticas foi possível notar que há laços fortes entre mulheres da mesma família. Desse modo, estabelecem-se sentidos alargados aos costumes, cunhando novos rituais, novos modos de viver e se relacionar. Os relatos orais comprovam que as redes sociais

são transmissoras da cultura e promotoras da adaptação no destino, cabendo à família construir laços de integração e pertença, como diz Cleide:

Nós somos oito mulheres, mas, em São Paulo, só tem duas. Tem uma que está mudando para cá, voltou tem quase um ano. Está morando aqui. Aí tem essas duas que estão em São Paulo. Tem a do Rio de Janeiro também. Tudo espalhado por aí. Eu morava em [Itapetcerica] dessa última vez, porque eu fiquei sete anos. Aí, eu trabalhava em [Capão Redondo], então tinha que pegar até o Terminal Capelinha [rodoviário] e fazia baldeação para ir até meu serviço. Era uma luta mesmo, sabe? [...] Foi mesmo para ajudar também e morar aqui perto de nós. Perto da mãe né? Que ela já está de idade, acamada, sabe? Aí, todo mundo quer ficar perto (Relato oral, Cleide, 44 anos, doméstica).

O apoio emocional que garante minimizar os efeitos psicológicos da migração, envolvendo trocas de empatia, estímulo e compreensão, sendo relatados abaixo por essas três participantes:

Fiquei repetindo para mim mesmo por que que fui, mas sabe, é a vida. Saudades dos meus pais também, porque lá em casa, de filha mulher, a única que tinha era só eu, e os outros era tudo homem. Aí, então, para sair, né, era difícil, assim. Então, precisava ganhar o pão e tinha que sair! E aproveitar a oportunidade. Aí, eu trabalhei dois anos e meio (Relato oral, Marinalva, 40 anos, doméstica).

Sim, eles falaram assim, na época, eu falei com eles, eles [silêncio]... Eles aceitaram, falaram que se fosse... Que igual a gente é muitos filhos assim, né? Tinha muito filho, nós somos oito irmãos, aí, eles geralmente não davam conta de dá tudo que os filhos precisassem. Aí, se eu quisesse ir, que eu pudesse ir. Aceitaram na boa. Não foram contra eu ir, não! (Relato oral, Carmélia, 43 anos, doméstica).

Sim... Eu acho que até que no início assim eu sentia mais, mas depois acho que a gente vai ficando mais velha e a gente vai entendendo. E mesmo porque aqui também quando eu ficava na casa da minha vó, eu ficava lá, dentro de casa com ela sempre. Aí, assim, para mim, ela era, ela como foi minha segunda mãe, a mesma coisa. Era minha mãe do mesmo jeito. Então, assim, nunca tive muito [silêncio]... Meu pai, meu pai também morava aqui em Mirabela. Meu pai faleceu já, mas ele morava aqui, sempre morou aqui. A família do meu pai também sempre morou aqui em Mirabela. Então, assim, eu sentia falta, mas por eu estar assim com minha vó, essas coisas, então, assim, nunca me fizeram mal, não era tanta falta assim que eu sentia (Relato oral, Amélia, 45 anos, doméstica).

Nos relatos, para as três entrevistadas, o medo, a saudade, o incentivo dos pais e a ausência da família são contrapostos ao sentimento de apoio emocional recebido. Sem clima de compreensão, estímulo e simpatia, geraria um contexto de desencorajamento no processo migratório. Contar com uma rede que oportunize conexões afetivas e parcerias para concretização de ações compartilhadas contribui para o fortalecimento da autoestima, o sentimento de pertencimento e, ainda, na reorganização do cotidiano da empregada doméstica (SLUZKI, 1997).

Essa rede, segundo Nogueira (2010), atua como condição de possibilidade para outros deslocamentos, de parentes, vizinhos, amigos e conhecidos, num momento posterior. Os primeiros que se mudam hospedam, os que chegam depois, no destino desconhecido, lhes facilitam a arregimentação de trabalho e, principalmente, lhes oferecem um conforto afetivo para superarem as saudades de casa.

Percebe-se como a migração repercute na vida e na família dessas mulheres. É no apoio emocional que se vivencia o afeto, a percepção do aconchego e do pertencer. O apoio familiar é um dos suportes mais proferidos nas falas dessas mulheres na rede pesquisada, “[...] nesse sentido, as redes de suporte social representam os efetivos contatos provedores de ajudas, recursos e suportes dos migrantes, captando aqueles que lhes foram fundamentais e, assim, proporcionando uma discussão aprofundada sobre seu capital social” (CUNHA, 2014, p. 26).

A função guia cognitivo e conselheiro, segundo Antunes (2021) que oferece orientações e sugestões de ações para esse período, bem como na avaliação de estigmas sociais, foi vista, pelas entrevistadas abaixo, relacionadas à rede de suporte familiar:

É! Tenho muitos parentes, lá. Varia, tem uns que trabalham em casas de famílias mesmo e minha filha trabalha hoje em uma clínica de idosos. Ela fez o curso de auxiliar de enfermagem, quer dizer, técnico em enfermagem (Relato oral, Denise, 58 anos, doméstica).

Você sabe por que eu não ia dar conselho assim? Não, você vai, sabe por quê? Por um motivo de como que é lá [São Paulo], entendeu? Assim, que eu sei que realmente em todo canto tem mais a violência muito, entendeu? E outra que talvez a pessoa vai por um conselho seu. Aí você vai e fala assim: “– Não lá é bom”, lá é aquilo, você passou por aquilo, você gostou daquilo e teve aquilo. Realmente você vai, mas eu vou te falar com você, minha filha, eu fiquei esse tempo lá tudo para dizer assim: Ah! Você ia achar uma melhora? Realmente não! Porque você gasta muito. É igual eu estou falando para você, a correria é muito, tudo que você faz tem que ter dinheiro sabe? Outra, os aluguéis estão muito caro também lá, sabe? Igual minha menina, foi agora e me falou que a passagem lá já aumentou. Minha menina agora está para lá. Então, isso tudo, eu não vou te dar um conselho, e outra, e se eu falar para você assim “– Vai”. Talvez você fala assim: “– Nossa, Carmélia deu conselho para eu ir chegar lá. Tem qualquer motivo entre você e sua patroa e você vai imaginar assim: “Nossa! Não era o que eu queria”. Então, eu vim mais por cabeça daquela pessoa que falou que lá ficou muito tempo, falou que lá é isso que lá é aquilo. Porque eu já vi muitas pessoas virando e falando: “– Ah! Belo Horizonte para mim é uma maravilha”. Para mim, eu vou ser sincera, não é tudo não! Isso eu falo, não é tudo! Ninguém, não pode a pessoa dizer assim “– Eu vou para capital, eu vou e tudo vai melhorar” (Relato oral Carmélia, 43 anos, doméstica).

Estes relatos mostram que a partilha de informações pessoais e sociais esclarece as expectativas e oferece modelos de referência, como para Denise e Carmélia. Parentes que se firmam nos destinos transmitem a imagem do êxito. Vê-se, pelas falas, que o conselho é

importante na construção identitária pessoal, grupal e institucional. É pela necessidade de pertencer, de compartilhar características similares às de outros, que a nossa identidade vai se constituindo. Aqui, notamos que a identidade é assumida em função do trabalho proporcionado por informações confiáveis e modelos de referência familiar.

De acordo com Vetorassi (2010), não é a migração em si que define a identidade de homens e mulheres migrantes, mas sim os aspectos físicos e simbólicos com que se constroem suas identidades em torno do trabalho e das redes sociais de apoio. Em busca desse trabalho, homens e mulheres definem e redefinem redes muito bem articuladas que possibilitam idas e vindas menos onerosas.

Quanto à regulação social do comportamento que visa a reafirmar as responsabilidades dessas mulheres, as falas foram as seguintes:

Ah, foi bom, porque o pessoal que eu fui trabalhar era um casal de idosos, entendeu? Aí, devido, assim, eu ser da roça, aí eu fiz um bom trabalho. Quando eles saíam, me carregavam, porque eu contei a verdade para eles: “–Olha eu sou da roça, sabe? Eu não sei andar, sei ler, mas não sei andar sozinha”. Tinha medo sabe? E aí, eu fiquei bastante tempo lá, uns dois anos e meio mais ou menos. Aí, depois veio um irmão meu do meio, estava vomitando sangue, aí eu tive que vim para ajudar a minha mãe a cuidar dele então... (Relato oral, Cecília, 50 anos, doméstica).

Assim, mesmo de vida assim, o clima de vida assim, é o sistema de lá sabe? O andar, para gente ir para os lugares, entendeu? Em BH não. BH eu me virava de perna para o ar para tudo quanto é lado, já tinha mais costume. Já tinha mais movimento das pessoas, entendeu? E São Paulo não, São Paulo é tipo uma prisão que você fica ali, só por conta do serviço para aqueles apartamentos lá... (Relato oral, Amélia, 45 anos, doméstica).

As narrativas também mostraram que os membros da rede agiram na função de regulação social, por meio do compartilhamento de informações, experiências e situações particulares e/ou vivenciadas por outras pessoas para pensar em conjunto meios de enfrentamento aos desafios que se apresentavam em relação a migração (ANTUNES, 2021).

Pelas falas das duas participantes, a função de regulação social dessa rede social se fez presente de forma horizontal, não como forma de controle social, mas como auto-organização social e assimilação, são frutos dos processos de adaptação da migrante nas cidades. Na visão de Bourdieu (1990, p. 64), é uma “estratégia como orientação da prática, que não é nem consciente, nem calculada, nem mecanicamente determinada”, mas que é produto do senso coletivo. E os padrões foram peças fundamentais para garantir o elo entre a experiência migratória da doméstica com o mundo exterior (as cidades). Dessa forma, ela estabelece negociação no convívio cotidiano, coexistindo com as diferenças. A rede pesquisada possui regulação social positiva para

cimentar o processo migratório dessas mulheres, embora a rede seja fechada, restrita ao universo familiar, o que as torna refugiadas em poucos círculos sociais.

Em relação à ajuda material e de serviços que abarcam o fornecimento de auxílio financeiro ou de serviços especializados, foi verificado, de acordo com as afirmações abaixo:

Mandava, mandava. Aí, a minha patroa depositava, eu dava ela o valor, aí ela depositava. Aí, em todos os finais de semana, a Suely [amiga] ia me ver, e, inclusive, eu vim embora, eles [patrões] me levaram no ponto de ônibus, porque eu também não sabia andar. Eles compraram a passagem, me levaram à noite, me colocaram dentro do ônibus para eu vim embora (Relato oral, Cleide, 44 anos, doméstica).

Nessa época, minha irmã que mandou. Nessa época, eu não tinha recurso nenhum, em 2004. Só estudava mesmo, meus pais eram muito fraquinhos (Relato oral, Marinalva, 40 anos, doméstica).

Na época que eu fui ter meu filho, eu passei. Porque o INSS demorou para me pagar lá os direitos que a gente tem, que ficou quase quatro meses sem receber. Eu passava o dia assim com uma coisinha ou outra. Doente, mesmo um pão de manhã, mais nada. Mas, no decorrer do tempo foi tranquilo. Inclusive, eu tinha até uma pessoa para cuidar dele [filho]. Minha sobrinha foi para lá me ajudar a cuidar dele, cuidou dele desde os três anos até os cinco anos de idade dele, foi ela quem cuidou dele. Eu peguei ela daqui e levei para lá. E hoje ela mora lá com a mãe dela (Relato oral, Cecília, 50 anos, doméstica).

Para muitas delas, a colaboração eficaz com base em informações e conhecimentos prévios funciona como o alicerce para a migração. E o auxílio financeiro, tanto para a manutenção, quanto para a viagem de ida, configura-se como uma ajuda física imprescindível. Mesmo quando as articulações entre as redes não são percebidas pelas migrantes como estratégia de grande importância para o desenvolvimento do processo migratório, é justamente a estruturação das redes sociais e o suporte material e imaterial que por elas transitam que influenciam e, em alguns casos, determinam a migração (LOPES, 2022). Em tela, o depoimento de Cecília evidencia a transmissão da maternidade que é feita na própria família, das mães adultas para filhas, irmãs ou sobrinhas mais novas em períodos de desemprego. Trata-se de um círculo geracional dos cuidados infantis distribuídas na rede de apoio familiar, conforme apontou Hochschild (2001).

A dinâmica da rede investigada está, portanto, associada aos movimentos de deslocamento no espaço, às redes que se formam através desses movimentos e às trocas que se dão por meio dessa rede, entre seus membros posicionadas, nos diferentes e distantes espaços geográficos, como afirma Nogueira (2010). A ajuda material (financeira), pelos relatos orais, voltam-se mais para a viagem do início do processo migratório na origem. No destino, esta ajuda volta-se para serviços e entreadjudas, igualmente. As redes atuam na formação dos vínculos e na

manutenção. Marinalva relata que foi a irmã que mandou dinheiro para a sua viagem e Cecília, após chegar na cidade, teve a ajuda da sobrinha para os cuidados com o filho, o que a torna completamente dependente de laços pessoais, diante dessa realidade e da baixa disponibilidade de políticas públicas voltadas para o provimento de cuidado, é através de redes pessoais e comunitárias, notadamente de vizinhança – as assim denominadas “ajudas”- que a maioria das mulheres procuram resolver suas demandas nesse sentido (Guimarães; Vieira, 2020).

Por isso, a migrante recorre aos parentes e, na falta destes, a amizades de parentes ou parentes de amigos. A falta deles pode configurar como potencial fator de risco, na medida em que a falta de apoio econômico pode colocar essas empregadas domésticas em situação de vulnerabilidade social como afirma Antunes (2021). Cumpre ressaltar a ausência de suportes sociais especializados, tais como: Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), Unidade Básica de Saúde (UBS) e Associações; talvez pela condição de migrante (recém-chegada) e o pouco tempo no destino dificulte procurar essa ajuda especializada.

Outra função das redes sociais é facilitar o acesso a novos contatos, o que possibilitaria uma abertura para o estabelecimento de relações com novas pessoas ou redes. As falas abaixo exemplificam como essas domésticas obtiveram acesso a novos contatos.

Hum, eu tenho. Graças a Deus, todas são minhas amigas, inclusive estas da segunda família que trabalhei já me chamaram para voltar. Queriam que eu voltasse esse ano, só que eu não quis. Eu acho, assim, que é pela pessoa, assim, se você se dá bem com a patroa, você vai se sentindo mais, assim, como se tivesse união, como se fosse um parente da família, entende? Você não sente como se fosse um patrão, aí você vai unindo com aquela pessoa. Eu não tinha eles como patrões, eu tinha eles como família, porque, no momento, eles me tratavam como da família, não me tratavam mal, então, aí eu fui ficando (Relato oral, Carmélia, 43 anos, doméstica).

Tinha. Uma mulher lá, que eu era inquilina dela mesmo, sempre fazia alguma coisa por mim. Ela dividia a comida, um bolo, tudo, era dividido, assim. Ela me dava, dava para ele [filho] também, que ela era muito assim com ele, e era tranquilo. Dificuldade, assim, mesmo, de fome, de às vezes almoçar e não ter o que jantar, assim, nunca teve. Nunca teve. Mas, assim, necessidade de precisão assim, a gente sempre passa. Igual às vezes tinha o dinheiro do aluguel, mas às vezes não tinha o da água e da luz, sempre tinha essas coisinhas assim. Mas assim as pessoas entendiam. A senhora do aluguel, que eu morei lá, eu morei dez anos com essa senhora lá, ela entendia e esperava (Relato oral, Denise, 58 anos, doméstica).

Pela fala de Carmélia, observa-se que a aquisição de novos contatos a insere em uma nova rede, agora das famílias com quem trabalhou, além de familiar e do trabalho atual. Já Denise reporta na sua rede de suporte social, que é efeito da aquisição de novos contatos após o processo migratório, seja a ajuda em troca de alimentos ou na espera para receber o aluguel, etc. Trata-se da solidariedade e de obrigações recíprocas.

As falas das participantes evidenciam os movimentos de indicação de espaços e atividades que as empregadas domésticas poderiam participar, com vistas a facilitar o processo de integração. De acordo com Assis e Siqueira (2009) geralmente, são as patroas que continuam a dar suporte social, mesmo uma vez tendo deixado o emprego. As migrantes internas, que fizeram o caminho do campo para a cidade, devem apreender outros códigos, outros mapas simbólicos para transitar na sociedade hospedeira. Nesse contexto, os laços de parentesco e amizade tornam-se fundamentais para a inclusão em outro lugar.

Conforme os dados expostos, mostrou-se a multidimensionalidade dos vínculos presentes na rede, verificou-se que as redes de empregadas domésticas são percebidas como tendo atributos variados e possíveis de ser acionados em distintas situações, evidenciado a característica de versatilidade das mesmas. De acordo com Sluzki (1997), a combinação de diferentes funções confere estabilidade e confiabilidade ao vínculo, posto que fomenta a intensidade do compromisso relacional entre os membros.

Os dados elucidam, ainda, que a rede contribuiu por meio das funções e de seus conteúdos que para Meneses (2007), estabelecem-se na interação entre os diversos membros que a formam. Conhecer alguém em um contexto da rede possibilitará conhecer outros e, assim, ampliar a rede e, conseqüentemente, as probabilidades de exercer e solicitar o cumprimento das funções sociais. Observamos que as funções dos vínculos são importantes para a integração da mulher migrante na sociedade de destino ou no trajeto migratório. Quanto mais recursos circulam nas redes, maior é a frequência dos contatos. E quanto mais o laço é preponderante nas escolhas dessas mulheres migrantes e nas alternativas de vida, tanto mais forte e positivo é o laço (PORTUGAL, 2006).

Minha filha foi para Belo Horizonte, aí depois que ela veio de Belo Horizonte e foi para Brasília e está lá até hoje. Tem uns quatorze anos que ela está lá (Relato oral, Denise, 58 anos, doméstica).

Entretanto, é preciso salientar que há também nesse processo a ruptura de vínculos. Essa necessidade de adaptar-se ao novo ambiente impacta nas configurações familiares. Queiroz (2008) observa que, em virtude da migração, a estrutura da família pode ser alterada. Algumas famílias nucleares podem ser divididas, a situação socioeconômica pode tanto melhorar quanto piorar. A dinâmica familiar também sofre modificação mediante novos papéis e relações hierárquicas assumidas pelo/a/s integrantes. E os valores familiares (segredos, mitos, crenças, dentre outros) travam um embate com diferentes costumes e crenças da cultura na qual a migrante ingressa.

Assim, as funções das redes sociais são vistas como suporte, desde o momento da partida, no enfrentamento de crises, exposição à fatores de risco ou situações estressantes, oriundas do processo migratório até a inserção na sociedade de destino. Durante a pesquisa, verificou-se que essa rede pode atuar como promotoras de autoestima, de vínculos afetivos, aumento da competência, reforço do senso de pertença, fortalecimento da imagem social (identificação com o trabalho e não com ser migrantes) e promoção do senso de auto eficácia (redução de incertezas) no processo migratório. Face a isso, entende-se que as redes sociais afetam o processo migratório, assim como a migração afetam as suas redes sociais.

Considerações finais

Este artigo demonstra a importância das redes pessoais como elemento essencial da socialização humana. Embora, as redes sociais também geram pressão de grupo, conflitos e são estruturadas por relações de poder. O contexto e as características das relações que homens e mulheres estabelecem com a família, amigos e outras pessoas significativas podem, em alguns casos, ser fatores de risco ou de proteção que influenciam o seu comportamento e circunstâncias. Face ao percurso metodológico ressalta-se que a escolha pela abordagem qualitativa se mostrou exequível para conhecer em profundidade as diversas facetas inseridas na experiência migratória. Os dados relacionais mobilizados neste trabalho junto com as entrevistas de cada participante nos permitiram entender um pouco sobre como as empregadas domésticas migrantes são beneficiadas por suas redes pessoais na integração ao mercado de trabalho.

Primeiro, notou-se como essas mulheres têm dificuldades para renovar suas redes pessoais e mobilidade laboral. Pois, um dos aspectos que se evidenciou durante o mapeamento das redes sociais migratórias é que os laços estabelecidos pelas entrevistadas são, em sua maioria, compostos com outras mulheres. Estes laços em rede são configurados, sobretudo, em relações de confiança, solidariedade, reciprocidade e cooperação. As diferenças de classe nas redes de apoio social tornam-se um aspecto importante da aprendizagem das mulheres para migrar. Segundo, evidenciamos como o estigma e o medo acaba por fechar ainda mais as redes dessas mulheres. As redes de apoio social que são exaustivas, não recíprocas, limitadas e/ou homogêneas não incentivam (e às vezes impedem) as mulheres de aproveitarem suas oportunidades. Terceiro, revelou-se que o trabalho doméstico tem um efeito de renovação sobre as redes pessoais das empregadas domésticas migrantes. A exposição a membros de diferentes

classes sociais pode funcionar como uma ponte, não apenas incentivando as mulheres para indicação de trabalho, mas também dando conselhos concretos sobre como fazer isso.

Além disso, com o reconhecimento da categoria como algo ainda incipiente, enfrentam o individualismo e a estratificação social, confinadas em nichos laborais pouco valorizados e naturalizados como femininos, o que revela não só o caráter sexista, mas também classista e racial da situação das domésticas migrantes internas. Acrescente-se a isso, a informalidade e a desproteção social há que estão submetidas ainda; mesmo no Brasil havendo políticas públicas para regularização do trabalho doméstico⁵. Por outro lado, as redes sociais se fortificam, pois, é necessário mais apoio e maior compreensão do fenômeno pelas mulheres. Portanto, o momento piora e afrouxa as relações de trabalho ao mesmo tempo em que as redes fortalecem as relações de solidariedade, reciprocidade e ajuda mútua.

Embora, os laços positivos desempenharam um papel no acesso às oportunidades, a heterogeneidade das redes de apoio social, preencheram um espaço nas redes que facilitaram a mobilidade. Portanto, os atributos, relações e as trajetórias dessas empregadas domésticas migrantes internas vão depender das diferenças e características pessoais com as quais construíram e mantiveram seus vínculos, como cada uma delas mobilizou sua rede de relações e outras variáveis de acordo com ciclo de vida e das suas trajetórias na busca por trabalho. Contudo, nosso objetivo não é fazer generalizações a partir dos resultados encontrados, mas mostrar as potencialidades que o uso das redes sociais autorreferenciadas tem para a compreensão do fenômeno complexo, multifacetado e interdisciplinar das migrações.

“Elas movem as redes e as redes as movem” enuncia-se que as redes funcionam como promotoras da inserção no mercado laboral, a adaptação na sociedade e manutenção dos laços familiares e culturais com a região de destino, diminuindo o desgaste psicológico com a desintegração familiar e a saída do local de origem ao mesmo tempo que podem gerar constrangimentos e controle. Percebe-se, como além de a rede social ser motivadora do processo migratório é necessário ter em consideração sua articulação com a migração em mover a sua rede social. Esse estudo, além de refletir sobre as migrações e as cadeias de cuidados, internamente, congregou outra dimensão de análise para dar conta da superação da *feminização* da migração e da colonialidade nas sociedades urbano-industriais-informacionais latino-americanas que são as redes sociais na migração.

Referências:

ANDRADE, Cristiane Batista, SANTOS, Daniela Lacerda, BITERCOURT, Silvana Maria; Vedovato, Tatiana Giovanelli. Migrações, trabalho de cuidado e saúde de cuidadoras: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 47, pp. 1-15, 2022.

ANGELLIN, Paulo Eduardo. **Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero e arranjos familiares**. 255 f. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 15, v. 3, pp. 745- 772, 2007.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais: construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos. **REMHU**, Brasília, v. 16, pp. 25-46, 2009.

ANTUNES, Marcos Henrique. Como atuam as redes sociais na aposentadoria? Funções autorreferidas pelos membros das redes de aposentados. In: LASSANCE, Maria Célia Pacheco; SILVEIRA, Alyane Audibert; OLIVEIRA, Manoela Ziebell (Org.). **Investigação e práticas em orientação de carreira: cenário 2021**. Porto Alegre, RS: Ed. dos Autores. 2021. 358 p.

AZEVEDO, Daniel Araújo de; SOUZA, Rafaelle Lopes; NOGUEIRA, Alexandre Silva. Redes Pessoais de Egressos do Sistema Prisional e Inserção no Mercado de Trabalho. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 27, n. 2, pp. 1-23, 2022.

BATISTA, Elicardo Heber Almeida. **“Povos de Santana”**: condições de vida e mobilidade espacial no Norte do estado de Minas Gerais. 131 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Agricultura, Desenvolvimento e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Migração, trabalho doméstico e afeto. **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 447-459, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Brasiliense: São Paulo, 1990.

CUNHA, Tiago Augusto da. **Conte comigo**. A migração abrindo portas. Migração Interna, Redes de Suporte e Vulnerabilidade Social na Região Metropolitana de Campinas. 237 f. 2014. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DECIMO, Francesca. Living the city the urban integration of Somali women in Naples. In: Ferreira, V.; Tavares, T.; Portugal, S. (Orgs.). **Shifting bonds, shifting bounds women, mobility and citizenship in Europe**. Oeiras, Celta Editora, 1998.

DURHAM, Eunice Ramos. **A caminho da Cidade**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1984.

ELIAS, Nobert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

FARIA, Guelmer Junior Almeida de. Redes sociais das/nas migrações tecidas em contexto de vida e trabalho de domésticas migrantes. **Tempos Históricos**, Francisco Beltrão, v. 24, n. 2, pp. 14-52, 2020.

FARIA, Guelmer Junior Almeida de; FERREIRA, Maria da Luz Alves; PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha de. “Nós, as meninas da minha família, sempre vamos muito cedo para lá”, **Cidades, Comunidades e Territórios**, v. 40, pp. 15-32, 2020.

FAZITO, Dimitri. A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade. In: **Anais... XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

FRAGA, Alexandre Barbosa. **De empregada a diarista: as novas configurações do trabalho doméstico remunerado**. 173 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

GALLO, Priscila Dal; MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. Ser migrante: lugar, identidade territorial e redes sociais. In: **Anais... XXIV Semana de Geografia da UEL. III Seminário de Geografia do Norte do Paraná**. 13 a 17 de outubro de 2008. Londrina-Paraná-Brasil, 2008.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GONZALEZ, Ana Elizabeth León; PARDO, Catalina Revollo. Relações e redes do cuidado no contexto migratório de mulheres latino-americanas. In: **Anais... Seminário Internacional Fazendo Gênero 11**, Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499476308_ARQUIVO_AnaELLeonFazGenero2017.pdf. Acesso em: 28 de setembro de 2023.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.

GUIMARÃES, Nadya Araújo, VIEIRA, Priscila Pereira Faria. O Cuidado e as “Ajudas”. In: GUIMARÃES, Nadya Araújo; HIRATA, Helena Sumiko. **O Gênero do Cuidado: Desigualdades Significações e Identidades**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.

HAGAN, Jacqueline Maria. Social Networks, Gender, and Immigrant Incorporation: Resources and Constraints. **American Sociological Review**, v. 63, n. 1, pp. 55-67, 1998.

HOCHSCHILD, Arlie. Las cadenas mundiales de afecto y asistencia y la plusvalía emocional. In: GIDDENS, A.; HUTTON, Will. (Eds). **En el límite: La vida en el capitalismo global**, Kriterion Tusquets, Barcelona, 2001.

LEMIEUX, Vincent; OUMET, Mathieu. **Análise estrutural das redes sociais**. Lisboa: Instituto Piaget, 2012.

LOPES, Kesy Stheffany Silva. **Redes sociais na experiência migratória de mulheres venezuelanas em Boa Vista – Roraima**. 235 f. 2022. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteiras) - Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2022.

MENESES, Maria Piedad Rangel. **Redes sociais: pessoais: conceitos, práticas e metodologia**. 136 f. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

NOGUEIRA, Vera Sevá. **Sair pelo mundo**. A conformação de uma territorialidade camponesa. 283 f. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

OSO, Laura; PARELLA, Sònia. Inmigración, género y Mercado de trabajo: una panorámica de la investigación sobre la inserción laboral de las mujeres inmigrantes en España. **Cuadernos de Relaciones Laborales**, Madrid, v. 30, n. 1, pp. 11-44, 2012.

PORTUGAL, Sílvia. **Novas famílias, modos antigos**. As redes sociais na produção do bem-estar. Tese de Doutorado em Sociologia, Coimbra: FEUC, 2006.

QUEIROZ, Ângela Hering de. **Migração familiar:** da quebra à reconstrução das redes sociais significativas. 165 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

QUEIROZ, Cláudia de Oliveira Carvalho. **A feminização da migração:** trabalho doméstico, emancipação e redes sociais na fronteira Brasil-Guiana. 88 f. 2015. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais) – Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2015.

RIVERA-LÓPEZ, Maribel; AÑÑOS, Fanny. Redes personales como factores de riesgo y protección en mujeres privadas de libertad. **Revista Crime**, Bogotá, v. 63, n. 2, pp. 17-32, 2021.

SILVA, André Eduardo Ribeiro da. **Territorialidades e redes da migração maranhense para o trabalho nos canaviais paulista.** 282 f. 2012. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SLUZKI, Carlos E. **A rede social na prática sistêmica,** alternativas sistêmicas. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo., 1997

SOUZA, Leda Maria Teles de. **Dependência de Empregada:** O espaço da exclusão. 1991. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Departamento de Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1991.

STAEVIE, Pedro Marcelo. **O papel das redes sociais na migração contemporânea de gaúchos em Roraima.** 234 f. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2012.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa:** técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Artmed, 2008.

VEITORASSI, Andrea. **Laços de trabalho e redes dos migrantes:** um estudo sobre as dimensões objetivas e subjetivas presentes em redes sociais e identidades de grupos migrantes de Serrana/SP e Guariba/SP. 206 f. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

WEISS, Robert Stuart. **Learning from strangers:** the art and method of qualitative interview studies. New York: The Free Press, 1994.

Declaração de uso de Inteligência Artificial:

Este artigo foi elaborado sem o auxílio de ferramentas de Inteligência Artificial Generativa.

Notas:

¹ Doutor em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Pós-Doutorando em Política Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: guelmerjrf@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2089-3064>

² Doutora em Geografia Humana pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Docente permanente nos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes

Claros (Unimontes) e no Programa de Pós-Graduação Associado Sociedade, Ambiente e Território (UFMG/Unimontes). E-mail: andrapirapora@yahoo.com.br / Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2586-4043>

³ O trabalho doméstico remunerado é uma categoria bastante ampla, que abrange a atividade de trabalhadoras/es mensalistas, diaristas, babás, cuidadoras/es, cozinheiras, motoristas, profissionais de jardinagem, dentre outros. (MDS/SNCF, 2023). Neste artigo, adota-se o termo trabalhadora/empregada doméstica a depender da perspectiva da categoria nativa.

⁴ Foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos da Universidade Estadual de Montes Claros-MG, conforme determina a Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde, de 10 de outubro de 1996. Aprovação CEPEX - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão nº. 020/2017.

⁵ Lei Complementar nº 150, de 1º de junho de 2015, que derivou da conhecida “PEC das Domésticas”.